

Representações do Brasil Aquém e Além Mar

Profa. Dra. Katia Aily Franco de Camargo¹ (UFRN)

Resumo:

Propomos, neste artigo, fruto de pesquisa ainda em andamento, o estudo comparativo entre as imagens do Brasil elaboradas e difundidas pelo periódico francês Revue des Deux Mondes e pelo seu suplemento, o Annuaire des Deux Mondes, durante o século XIX, suas relações com as representações do nosso país presentes nos romances de Alfredo D’Escragnolle-Taunay.

Palavras-chave: Visconde de Taunay; Revue des Deux Mondes; relação França-Brasil.

Introdução

Atualmente, os trabalhos realizados em Literatura Comparada privilegiam, em geral, uma temática, como, por exemplo, a imagem do índio, da escravidão, da floresta, dentro de um *corpus* que pode se restringir a uma única obra a ser analisada, a uma miscelânea de textos sobre a temática em questão, ou ainda, privilegiar a investigação de fontes e influências. Propomos, fugindo um pouco à regra, o estudo das imagens do Brasil em seu efeito “bumerangue”, por meio, de um lado, dos artigos publicados sobre nosso país na *Revue des Deux Mondes* (cf. CAMARGO, 2007) e, de outro, da análise dos romances escritos por Alfredo D’Escragnolle-Taunay, também conhecido por Visconde de Taunay, a saber: *Inocência*, *A Mocidade de Trajano*, *Ouro sobre Azul*, *Manuscrito de uma Mulher*, *O Encilhamento* e *No Declínio*, todos redigidos no último quartel do século XIX.

A Revue des Deux Mondes

Ao longo do século XIX foram publicados pela *Revue des Deux Mondes* cerca de quarenta artigos sobre nosso país, escritos por autores distintos. A partir dos anos de 1850, soma-se a esses escritos, uma série de referências ao Brasil inseridas no *Annuaire des Deux Mondes*, publicação complementar, espécie de bônus ao assinante da edição parisiense, rico em ilustrações e mapas que visava dificultar a contrafação existente na Bélgica desde os primeiros números da *Revue des Deux Mondes*. Os anos inaugurais da *Revue*, isto é, de 1829 e 1830, destacam-se dos demais por incluírem textos não assinados, os quais acreditamos terem sido redigidos por um correspondente brasileiro, e traduções de um relato de viagem publicado, originalmente, por um oficial inglês para o periódico *The New Monthly Review*. A partir de 1831, no entanto, quando a *Revue des Deux Mondes* passa a ser dirigida por François Buloz, considerado seu grande fundador, ela adquire uma nova feição, a começar pela sua capa, a qual buscava dar ênfase à relação entre os dois mundos: o velho e o novo; o civilizado e o selvagem. Os trabalhos aí inseridos também se modificaram, ganhando em extensão e conteúdo. Dentre os autores desse período, que se estende até 1893, alguns vieram para cá a trabalho ou em viagens científicas, como Auguste de Saint-Hilaire, Théodore Lacordaire, Francis Castelnau, Élisée Reclus e Adolphe d’Assier, enquanto outros partiram em busca de riqueza, como Ferdinand Denis, ou simplesmente para complementar sua educação, como L. de Chavagnes. Dois brasileiros também faziam parte desse rol de publicistas: Émile Adêt, francês naturalizado brasileiro, redator-chefe do *Jornal do Comércio* e colaborador de outros periódicos nacionais, e Pereira da Silva, político e homem de letras, os quais procuraram “corrigir” as imagens propagadas até aquele momento sobre a terra e a gente brasileiras.

Agentes da intermediação entre os dois mundos, todos esses autores, sem exceção, tinham como objetivo maior, discorrer sobre o estágio civilizatório do Brasil. Para tanto, baseavam-se em suas experiências ou numa bibliografia existente a respeito, apesar de ser escasso o número de referências por eles citado.

Nesses artigos, encontra-se uma profusão de imagens do Brasil que não desviam de todo das representações comumente elaboradas sobre nosso país durante o século XIX, ou seja, a exuberância da fauna e da flora, com sua vegetação edênica, suas riquezas minerais, o alto grau de

miscigenação, o índio e a escravidão. Elas adquirem, no entanto, um sentido especial ao serem analisadas como fazendo parte do suporte impresso no qual se inserem.

Até os anos de 1870, a *Revue des Deux Mondes* teve que lutar para manter sua liberdade como instituição e, por esse motivo, opôs-se, muitas vezes, ao poder; mas, ao mesmo tempo, estava imersa na paisagem ideológica dominante. É essa adesão a um bloco ideológico conservador e não à ligação a partidos políticos particulares que lhe possibilitou certa liberdade institucional. Também, nesse período, o espaço público periódico e o político continuavam bastante restritos; no entanto, a extensão da *Revue*, como instituição, ultrapassava os contornos habituais de uma simples revista da época. A construção do grande espaço público, isto é, do espaço democrático, surge nos anos de 1880, como obra da República, e mudará consideravelmente o ambiente da *Revue*, principalmente devido ao crescimento das publicações periódicas e por causa da proliferação das revistas parisienses ou provinciais, entre os anos de 1880 e 1890. Tal modificação do espaço público veio acompanhada de certa alteração da cultura dominante e de uma mudança do clima ideológico global.

A geração republicana que assumia progressivamente as responsabilidades nacionais havia sido formada em um meio intelectual sensivelmente diverso daquele produzido pela *Revue des Deux Mondes*, de modo que uma defasagem complexa se estabeleceu entre esta última e a República (LOUÉ, 1998, p. 398-399).

Nesse sentido, criou-se um elo entre o Brasil e a *Revue des Deux Mondes* que possibilita uma melhor compreensão das imagens por ela elaboradas: o fato de ser a única monarquia em território sul-americano. O Brasil possuía à sua frente um imperador, Dom Pedro II, que era freqüentemente associado à idéia de justiça, ordem, paz e equilíbrio, conceitos preciosos aos partidários de uma ideologia conservadora. Por outro lado, a intermediação se completa pelo fato de as imagens difundidas pelo periódico serem de grande importância, naquele momento, para nosso país. Como sintetiza Lília Moritz Schwarcz:

[...] mesmo após o reconhecimento inglês e português, parecia necessária a afirmação de uma imagem que distanciasse a monarquia brasileira da idéia de anarquia – tão comumente associada às repúblicas americanas –, do “comércio de almas” e de um sistema escravocrata persistente e difundido, sobre o qual se estruturavam a sociedade e a economia local. É justamente por isso que desde os primeiros anos de independência houve um investimento evidente na divulgação de uma representação ao mesmo tempo comum e peculiar desse longínquo império. Comum, na medida em que se procurou afirmar todo o tempo a feição européia de nossa monarquia – aparentada não só aos Bragança como aos Bourbon e Habsburgo – e o caráter civilizacional do Império, afeito às novas tecnologias e idéias de progresso. Peculiar, já que havia o Atlântico a nos separar e toda uma realidade social e geográfica a nos distinguir. (SCHWARCZ, 1998, pp. 18)

Uma vez que o Império brasileiro estava afeito à civilização, graças, sobretudo, a seu ilustríssimo monarca, e não aos extratos superiores da população (fazendeiros e comerciantes), ele se tornou o representante-mor da latinidade nas Américas, a futura França Antártica. Todas as benfeitorias a serem realizadas no Brasil, arroladas pelos autores da *Revue*, isto é, exploração do interior, introdução de técnicas agrícolas eficientes, alastramento das vias de comunicação, abolição da escravidão e introdução de colonos europeus introduziria, aos poucos, mas de maneira efetiva, a civilização nos trópicos. Dessa forma, a França, portadora de uma forma superior de civilização, justificava a extensão de sua influência internacional face à Inglaterra, potência economicamente mais avançada e bastante ligada ao Brasil.

A *Revue des Deux Mondes* no Brasil

Em terras brasileiras, a *Revue des Deux Mondes* teve grande repercussão, a despeito da falta de informações nos arquivos parisienses: IMEC e Instituto da França, onde se pode encontrar os

cadernos de registro, as atas das reuniões da direção, cartas de autores e assinantes, dentre outros documentos manuscritos.

Essa revista francesa era bastante lida entre os estadistas do Império, principalmente pelo imperador D. Pedro II, sendo considerada, por isso, símbolo do saber superior e elitizado, como nos mostra Ana Luiza Martins em seu livro *Revistas em revista* (2001) e também Nelson W. Sodré:

Era de bom tom, nas rodas políticas provar prendas literárias. A *Revue des Deux Mondes* tornara-se leitura habitual do Imperador e ‘principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros’. [...] Propalava-se que era a única leitura do conselheiro Saraiva; D. Pedro, sabendo disso afirmou categórico: ‘É quanto basta’ (1999, p. 197).

Sua circulação é sugerida por menções encontradas em obras de Machado de Assis, como, por exemplo, em *Quincas Borça* e nas *Crônicas*. Nesta última, o autor faz “publicidade” para a *Revue*, informando seu leitor onde ela poderia ser consultada:

Vou dar agora uma novidade, a mais de um leitor.

Sabes tu, político ou literato, poeta ou gamenho, sabes que há aí perto, na cidade de Valença, uma biblioteca municipal, a qual possui uma coleção da *Revue des Deux Mondes*, a qual coleção está toda anotada pela mão de Guizot, a cuja biblioteca pertenceu?

Talvez não saibas: fica sabendo. (ASSIS, 1937, p. 197)

Os interessados que não podiam arcar com o elevado preço de uma assinatura encontravam a revista no Gabinete Português de Leitura e no Gabinete Literário, ambos em Pernambuco, na Biblioteca Pública da Bahia, na Biblioteca Fluminense e no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Atualmente, coleções completas, ou quase, podem ser consultadas na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP), que possui aquela pertencente ao Dr. Elias Pacheco Chaves, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP-SP, que possui os exemplares que foram de José Feliciano de Oliveira, na Faculdade de Direito da USP, dentre outras instituições espalhadas por Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Chegou-se até mesmo a ter uma coleção completa da *Revue des Deux Mondes* que pertenceu a Guizot, político francês, segundo nos informa a crônica de Machado de Assis, citado acima, publicada em março de 1877; mas, infelizmente, ela foi destruída em um incêndio (2001) que danificou toda a biblioteca pública da cidade de Valença, situada no Estado do Rio de Janeiro.

Em *Quincas Borba*, uma das personagens femininas de Machado, Sofia, descansa saboreando os romances nela publicados:

[...] Afinal, deixou a vista da chuva e do nevoeiro, estava cansada, e para repousar, foi abrir as folhas do último número da *Revista dos Dous Mundos*. Um dia no melhor dos trabalhos da comissão das Alagoas, perguntara-lhe uma das elegantes do tempo, casada com um senador.

—Está lendo o romance de Feuillet, na *Revista dos Dous Mundos*?

—Estou, acudiu Sofia; é muito interessante.

Não estava lendo, nem conhecia a Revista; mas, no dia seguinte pediu ao marido que a assinasse; leu o romance, leu os que saíram depois, e falava de todos os que lera ou ia lendo. Abertas as folhas daquele número, e acabada uma novela, Sofia recolheu-se ao quarto e atirou-se à cama... (1997, p. 247)

Nesse romance, conforme mostra Gilberto Pinheiro Passos (2000), estamos diante da galomania reinante na corte, no século XIX, de que a *Revue des Deux Mondes* é um dos baluartes, já que se apresenta com uma circulação invejável, trazendo a lume outro aspecto da questão, relativo à visão

que os brasileiros acabavam por ter de si mesmos, a partir das imagens desenvolvidas pela publicação.

Segundo levantamento realizado por Nelson Schapochnick (1999), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e em outras instituições culturais cariocas de destaque no século XIX, a *Revue des Deux Mondes* era um dos periódicos estrangeiros mais consultados.

A grande procura por revistas e jornais [...] denota uma tendência mais imediatista de obter informação e recreação. [...] Dentre os periódicos destacam-se aqueles denominados “recreativos, científicos e litterários”, como o lisboeta *O Panorama*, a francesa *Revue des Deux Mondes* e os fluminenses *Minerva Brasiliense*, *Guanabara*, *Íris* e *Beija-Flor*... (p. 121)

Além de Machado de Assis, referências à *Revue* estão presentes em vários autores brasileiros, como Araújo Porto-Alegre, que publicou, na *Minerva Brasiliense*, juntamente com Emile Adêt, artigo em resposta aos “insultos” feitos pelo Conde de Suzannet e inseridos na *Revue*; Lima Barreto, que faleceu com um de seus exemplares nos braços²; Eduardo Prado, que passou a ser assinante, provavelmente pelo novo engajamento católico da *Revue* a partir da direção de Ferdinand Brunetière (1893), e José Dias da Cruz Lima, que publicou, em 1869, uma resposta ao artigo escrito por Elisée Reclus sobre a participação do Brasil na Guerra do Paraguai. E por que não a leria Visconde de Taunay, monarquista convicto que rompeu os laços com a política brasileira no momento da instauração da República?

Proclamada a República em 1889, manteve-se fiel ao Imperador e deu por encerrada sua carreira política [...] ‘Fiquei sendo o que era e sempre fui, profundo admirador da Monarquia que o sr. D. Pedro II fundara no Brasil e por cinquenta anos sustentara, fazendo deste país um Império único no mundo’. (MEDEIROS, 2004, p. 14)

Norma Wimmer em *Marcas Francesas na obra do Visconde de Taunay* preocupa-se em identificar as fontes francesas presentes nos romances desse autor, ressaltando a predileção de Taunay por escritores do século XVII e XVIII, não faltando, no entanto, referências a autores contemporâneos, como Octave Feuillet (o mesmo lido pela personagem Sofia de Machado de Assis), George Sand, Paul Bourget, dentre outros, que colaboraram, uns mais outros menos, na *Revue des Deux Mondes*, dado este que passa despercebido pela autora.

Alfredo D’Escragnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro em 1843, filho de franceses, fez, no entanto, seus estudos no Brasil, no Colégio D. Pedro II seguido de seu ingresso, em 1859, na Escola Militar. Incorpora-se, em 1865, como engenheiro militar, ao corpo de exército que parte de São Paulo com a missão de repelir os paraguaios do Sul da província de Mato Grosso. Para tanto, percorre, juntamente com a coluna expedicionária, 2.200 quilômetros de terras do *sertão* brasileiro. Era toda uma região, ainda pouco conhecida, que se abria aos seus anseios de naturalista:

Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la – sonho, enfim, de mocidade em que havia bastante pedantismo. (MEDEIROS, 2004, p. 13).

Segundo Medeiros, Taunay não chegou a fazer nenhuma descoberta, no entanto, viajando com lápis na mão, deixou descrições precisas da fauna e da flora, obtidas, graças a sua aguçada percepção da natureza:

Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único

dentre os companheiros [...] que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço. (idem).

Essa excursão até a fronteira do Brasil com o Paraguai está na origem de *A Retirada da Laguna*, narrativa histórica, publicada originalmente em língua francesa, em 1868, e posteriormente traduzida para o português. Mas é também de suas observações e vivências, ou melhor, segundo as palavras de Antonio Candido (1997, vol 2, p. 275-282), de suas impressões e lembranças, que nascerá o mote para seus romances. Nesse sentido, não apenas as paisagens e os costumes, mas várias das pessoas que encontrou pelo caminho foram reproduzidas com uma fidelidade que dá valor documentário à sua ficção, não deixando, no entanto, de haver interferência da elaboração artística, ficcional nesses dados, colaborando, dessa maneira, no tratamento romanesco de sua obra.

Os romances de Visconde de Taunay, portanto, parecem nos fornecer pontos de contato tanto com a *Revue des Deux Mondes*, em sua ideologia, sua preferência monárquica, sua preocupação em dizer a verdade amparada por testemunhas, correspondentes e políticos locais, quanto com as imagens elaboradas e difundidas pelos seus publicistas sobre o Brasil. A nossa preocupação, portanto, tem sido a de estudar os romances de Taunay não com o objetivo de descobrir trechos da *Revue* neles citados explicita ou implicitamente, mas o de procurar comparar as imagens elaboradas por ambos, se estas são condizentes ou conflitantes e em que sentido.

Referências Bibliográficas

Periodismo

- [1] *Annuaire des Deux mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. 1850-1870.
- [2] *Revue des Deux mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. 1829-1893.
- [3] ADET, É. Resposta ao Artigo da *Revista dos Dois Mundo*, intitulado – Do Brasil em 1844; Situação Moral, Política, Comercial e Financeira. In: *Minerva Brasiliense*. n. 23, 1º out. 1844, vol II, p. 719-725.
- [4] CAMARGO, K. A. F. *A Revue des Deux Mondes: uma intermediária entre dois mundos*. Natal: EdUFRN, 2007.
- [5] _____. *A Revue des Deux Mondes e o romantismo*. In: MARQUES, J. O. (org.) *Verdades e mentiras: 30 Ensaio em Torno de Jean-Jacques Rousseau*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 505-514.
- [6] CRUZ LIMA, J. D. da. *Réponse à un article de la Revue des Deux Mondes sur la guerre du Brésil et du Paraguay*. Rio de Janeiro: Imprimerie Universelle de Laemmert, 1869.
- [7] DANTAS, L. Letras brasileiras na *Revue des Deux Mondes*. In: NITRINI, Sandra. *Aquém e além mar – relações culturais: Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 133-147.
- [8] _____. O segredo dos pinheiros. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 23, 1981, p.51-71.
- [9] _____. Francis de Castelnau e o relato de um grupo de escravos de Salvador da Bahia em 1851 ou do caráter simiesco dos indesejáveis. In: *Remate de Males*. Campinas, n. 12, 1992, pp. 46-55.
- [10] LOUE, T. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunetière*. De la belle époque de la *Revue* à la *Revue* de la Belle Époque. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 1998.
- [11] MARTINS, A. L. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.
- [12] PORTO-ALEGRE, A. Huma Palavra acerca do Artigo do Sr. Chavagnes Intitulado O Brasil em 1844. In: *Minerva Brasiliense*. n. 23, 1º out. 1844, vol II. pp. 711-719.

- [13] SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- Visconde de Taunay
- [14] TAUNAY, A. D'E. *A Mocidade de Trajano*. São Paulo: Publicações da Academia Paulista de Letras, 1984.
- [15] _____. *Inocência*. São Paulo: FTD, 1998.
- [16] _____. *Manuscrito de uma Mulher*. 2ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- [17] _____. *O Encilhamento*. São Paulo: Melhoramentos, 1923.
- [18] _____. *No Declínio*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- [19] _____. *Ouro sobre Azul*. São Paulo: Melhoramentos, [19-]
- [20] _____. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- [21] _____. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- [22] MARETTI, M. L. L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Unesp, 2006.
- [23] WIMMER, N. *Marcas francesas na obra do Visconde de Taunay*. São Paulo, 1992 [Tese de Doutorado] – FFLCH-USP.
- Bibliografia Geral
- [24] ABRE, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002.
- [25] _____; VASCONCELOS, S.; VILLALTA, L. C.; SCHAPOCHNIK, N. *Caminhos do romance no Brasil*. Disponível em Estudos/ ensaios: <http://www.caminhosdoromance.ile.unicamp.br>. Acesso em 12 out. 2005.
- [26] PASSOS, G. P. *O Napoleão de Botafogo*. São Paulo: Annablume, 2000.
- [27] ASSIS, M. *Quincas Borba*. Porto Alegre: L&P, 1997. Cap. CLXI.
- [28] _____. *Chronicas (1859-1888)*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937.
- [29] BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.
- [30] CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. 8ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. v. 2.
- [31] SCHAPOCHNICK, N. *Os jardins das delícias: Gabinetes Literários, Bibliotecas e Figurações da Leitura na Corte Imperial*. São Paulo, 1999 [Tese de Doutorado] – FFLCH, USP.

Autor

¹ **Katia AILY FRANCO DE CAMARGO, Profa. Dra.**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Departamento de Letras

Apoio CNPQ e FAPERN

E-mail: kaily@uol.com.br

² “À tardinha, Evangelina voltou ao quarto do irmão, que repousava tranqüilamente, em meio a uma porção de livros, revistas e jornais, espalhados na cama. Trazia-lhe uma xícara de chá, com torradas. Trocaram poucas palavras, os dois irmãos: [...]”

Lima Barreto sentara-se na cama, enquanto Evangelina dispunha a bandeja no travesseiro, que havia colocado sobre as pernas do doente. Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto. Continuava sentado, abraçado a um volume da *Revue des Deux Mondes*.”. Cf. BARBOSA, F. A., 1952. p. 334.